

AS IMAGENS DOS NAUTAI: A MÉTIS DE ODISSEU

Camila Alves Jourdan¹⁰⁸

RESUMO

Buscamos analisar a imagem por meio do método proposto por Claude Berard e problematizar a relação entre o personagem Odisseus e o uso da *métis*.

“Um homem possuidor da *métis* tem uma sabedoria que é variada e que lhe permite um grande leque de recursos, de desembaraços para as situações críticas ou para o melhor exercício de um ofício.” (VIEIRA, A.L.B. Revista Phoênix)

O presente artigo corresponde aos primeiros passos de nossa pesquisa no Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade (NEREIDA/UFF). O objetivo de nossa pesquisa consiste em analisar cenas de vasos com temática na navegação (comercial e guerreira). Assim, recorreremos ao Canto XII da Odisséia de Homero, na passagem em que Odisseu exercita a *métis* – astúcia/ inteligência prática.

Primeiramente destacamos o conceito teórico que fundamenta nossa análise, o de *representações sociais*. Este conceito foi tomado da psicologia social e o utilizamos como o foi definido por Denise Jodelet. Sua aplicabilidade para esta pesquisa é plausível, uma vez que a partir deste conceito podemos tratar dos problemas psico-sociais das sociedades, tendo em vista que as *representações sociais* nos refletem as diversas esferas componentes de uma sociedade, tais como a religiosa, política, social. As representações exprimem a dominação, compreensão e explicação da realidade. Deste modo, as

¹⁰⁸ Aluna do curso de graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima. Bolsista de Iniciação Científica pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFF), membro e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade (NEREIDA) e membro do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade.

representações sociais tratarão de fenômenos passíveis de observação direta ou que poderão ser reconstruídos através de trabalho científico.

As *representações sociais* se encontram circulando nos discursos, seja através de palavras em mensagem ou de iconografias de grande circulação social, no qual se nota uma cristalização da conduta dos indivíduos e de sua organização material. Com esta noção buscamos entender um mundo repleto de significações que fazem parte do cotidiano, nos seus diversos elementos – como os valores, imagens, opiniões e crenças¹⁰⁹.

Dentre os levantamentos de possibilidades feitas pela autora supracitada, o mais adequado à nossa pesquisa refere-se a *representação social* como sendo um meio de simbolização de dada realidade. Logo, será a iconografia presente nos vasos áticos, com alusão à navegação, o fio-condutor para se compreender as relações de *signo*, *significante* e *significado* que permeavam as integrações sociais dos atenienses com os *nautai*, em sua relação entre construtores da imagem e receptores dos signos.

No que concerne à metodologia, aplicamos em nossa pesquisa a desenvolvida por Claude Bérard e François Frontisi-Ducroux, para documento imagético e textual respectivamente. Nesta apresentação buscamos focar a imagem, dando-lhe maior relevância. Assim sendo, a análise imagética perpassa a semiótica, usando-se do método desenvolvido por Bérard que compreende a imagem como um texto narrativo. Nesta semiótica que busca a significação, edifica-se uma “semiótica da comunicação”¹¹⁰.

Segundo esta metodologia, as chamadas “unidades formais mínimas” seriam elementos comuns usados nas imagens que permaneceriam estáveis e constantes no transcorrer dos séculos – ainda que houvessem excessões. É a partir destas *unidades formais* que se pode construir uma interpretação da imagem. Os signos das *unidades*

¹⁰⁹ JODELET, Denise. “Representações sociais: um domínio em expansão” IN: **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

¹¹⁰ Claude Bérard. Iconographie-Iconologie-Iconologique. **Études de Lettres**. Fasc. 4, 1983, p. 5.

formais por si só representariam uma infinidade de significados, entretanto, quando se encontram articulados com certos signos também presente na imagem, há a delimitação interpretativa da cena. Uma vez que estas *unidades* se articulem, se estabelece o *sintagma*. Este, por sua vez, engendra-se a outro *sintagma*, e assim consecutivamente, até se formar um quadro composto e decomposto (sem que exista uma dicotomia neste sentido) em signos e significados, construindo a *narrativa*. Ou seja, este método visa transformar uma “narrativa imagética” em uma “narrativa textual”.

Tendo em vista nosso embasamento teórico, partiremos para a construção de nosso objeto nesta comunicação. Buscamos analisar a *métis* utilizada por Odisseu contra o canto das Sereias a partir da imagem de um stamnos.

Baseando-nos no documento textual do “período homérico”, cabe-nos salientar que “A atividade literária, que [se] prolonga e modifica, pelo recurso à escrita, uma tradição antiqüíssima de poesia oral, ocupa um lugar central na vida social e espiritual da Grécia”¹¹¹.

A obra por nós a ser explorada é a “Odisséia”. Esta consiste na narrativa “[d]o retorno de um dos heróis desta guerra [Tróia]: Ulisses, que por haver ofendido o deus Posêidon vagou pelos mares durante dez anos antes de voltar à pátria, a ilha de Ítaca, e à esposa, a fiel Penélope.” Esta obra é “o resultado de uma longa tradição oral”¹¹².

Centraremos-nos no canto XII da obra de Homero(s)¹¹³. Nesta passagem podemos divisar a personagem Circe falando à Odisseu sobre novas situações que aguardam este e seus companheiros, dentre os quais a questão com as Sereias (versos 37 ao 56). Partindo da ilha Eéia, Odisseu fala do obstáculo ao retorno à Ítaca aos seus companheiros,

¹¹¹ Jean- Pierre Vernant. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. São Paulo: martins fontes, 2006, pp.15-16.

¹¹² Claude Mossé. **Dicionário da Civilização Grega**. Trad. Carlos Ramalhete. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.171.

¹¹³ O documento textual por nós utilizado é traduzido por Donaldo Schüler.

apresentando-lhes o desafio das Sereias. Como dito por Circe, Odisseu dá as ordens à seus *nautai*, de modo a poder ouvir o canto destas enquanto os remadores conduzem a nau em segurança, atravessando incólumes esta provação. Como visto nos seguintes versos:

“Atenção aos perigos! Evitar a voz arrebatadora das Sereias e os campos floridos em que moram é a primeira providência. Só a mim está reservado ouvir o canto. Amarra-me firmemente. Não deverei arredar o pé. Estarei ereto junto ao mastro. Atem-me com laços apertados. Se eu rogar que me soltem, a tarefa de vocês será redobrar o nó.” (VV. 158-165)

No transcorrer do canto, até o verso 200, Odisseu encontra o lugar onde estão as Sereias e, rapidamente, põe cera nos ouvidos de seus companheiros e estes o amarram no mastro do navio. Deste modo, o navio consegue atravessar firmemente o mar e os remadores conduzem todos à segurança.

A noção de *métis* encontra-se intrinsecamente ligada ao mito de Palas Athena. Dado que, como apresenta Walter Burkert, a deusa Métis é mãe da divindade Athena. Nesta versão, Métis seria a primeira esposa de Zeus. Este foi avisado, por oráculos, que seu filho com Métis poderia destroná-lo. Receoso com o que poderia acontecer-lhe, tratou de engolir a deusa, evitando assim o nascimento deste filho. No entanto, sentindo fortes dores na cabeça, Zeus ordenou que Hefestos a abrisse. Quando este lhe desferiu um golpe de machado, nasceu completamente adulta e armada a deusa Palas Athena, apropriando-se da *métis* “maternal”. Segundo outra versão, Athena teria sido gerada por Zeus, sozinho, sem qualquer intervenção maternal, e dele próprio absorvido a *métis*¹¹⁴.

Palas Athená possui diversas potências onde atua a *métis*, dentre as quais a de deusa que orienta o navegador no mar (Athena *aíthya*). Nas diversas problemáticas que se

¹¹⁴ BURKERT, Walter. Os deuses configurados. *IN*: Religião Grega na Época Clássica e Arcaica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

constroem para um navegador no mar, a divindade Athena *aíthya* atua em sua orientação, seja como um animal que orienta o navegador ou por intervenção direta. Em ambos os casos, a *métis* do navegador se faz necessário para se aperceber das inúmeras situações que lhe são configuradas¹¹⁵.

Assim sendo, *métis* é uma noção que está presente desde o período antigo, mantendo-se estável e coerente como forma semântica, podendo ser compreendido como ardil ou astúcia. Jean-Pierre Vernant e Marcel Detienne definem *métis* como o uso de uma inteligência ardilosa, no qual habilidades como a sagacidade, a agência do espírito frente ao desconhecido ou mesmo a um ato inesperado, o faro, a esperteza, o senso de oportunidade são utilizados. Ainda que não esteja separada de prudência, pois a ação do possuidor da *métis* possui certa previsão, antecedendo as possibilidades das ações em resposta à sua. Deste modo, o indivíduo que detém a *métis* tem inúmeras possibilidades para agir, para se recuperar de problemas ou mesmo para desempenhar um ofício.

A *métis* se encontra intrinsecamente ligada à prática, sendo concebida também como improviso, artifício, astúcia, prudência. A ação do indivíduo possuidor da *métis* é a do tempo de um relâmpago, sempre pronto a agir. Entretanto, não é um impulso qualquer, é um planejamento rápido e, ao mesmo tempo, complexo e profundo, até mesmo paciente a espera da hora certa de ação. Desta forma, a *métis* é rápida para a prática do imediato e um pensamento denso para um pedaço espesso do futuro.

No entanto, mesmo que possamos apontar todas essas conotações da *métis*, é somente nas “brechas” de atuação do indivíduo no cotidiano que ela poderia ser vislumbrada, permanecendo como um jogo de práticas de caráter social e intelectual.

Estando esta *métis* ligada ao mito da divindade palas Athena, tendo em vista que – pelo nascimento – esta deusa possuiria a *métis*, faz-se imprescindível destacar que Athena

¹¹⁵ DÉTIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. **Métis: as astúcias da inteligência**. São Paulo: Odysseus, 2008.

potencializada como *Aíthya* seria atuante no mar, no domínio da navegação. Ainda que possa parecer algo deslocado de uma lógica – uma “Athena do mar” –, este campo de atuação para esta divindade é plausível, uma vez que atua ensinando a arte da navegação, abrindo caminho no mar, trazendo a luz em noite de tempestade¹¹⁶.

É neste cenário, em que se desenvolve o embate entre Odisseu e as Sereias, que a *métis* é fundamental, já que esta noção se exerce nos cenários ambíguos, de instabilidade, de movimento. Seja na relação do homem com o mar, Odisseu/navegação, do enfrentamento de um perigo, Odisseu/ Sereias, enfim, a luta de duas forças antagônicas que aqui estão representadas pelo homem e natureza.

Partiremos para a análise de uma cena contida em um stamnos ático de figuras vermelhas, datado de 480 a 470 a.C., estando localizado no Museu Britânico.

¹¹⁶ Op. Cit.



CVA British Museum 3 III Ic Pl. 20, 1

Neste stamnos temos, como *unidades formais mínimas*, 4 signos que nos remetem ao mundo marítimo:

1) remos – estão em número de 8 e não são equivalentes numericamente ao número de remadores. Os remos se fazem indispensáveis à navegação, isto significa que o cenário em que ocorre a cena é no mar;

2) velas e conjunto de cordas – a embarcação possui seu próprio conjunto de velas e cordas, sendo sua representatividade pautada na navegação, fundamental ao campo náutico desenvolvido no Mar Egeu;

3) aríete/ esporão – está localizado na frente da nau, sendo em sua maioria feitos de bronze, eles se chocam com outras naus para afundá-las, sendo parte fundamental de uma embarcação grega;

4) rochedos – um em cada lado da cena, estando ocupados por duas das Sereias presentes na imagem. Esta *unidade formal* é um signo que nos apresenta a existência de dois meios: o terrestre e o marinho, construindo a cena a partir da ambigüidade mar/terra. Tais *unidades formais* compõem um *sintagma* que nos remete ao meio marítimo.

Recaindo a análise sobre as personagens, podemos vislumbrar o *kubernetes*, os remadores, as Sereias e Odisseu, cada um sendo entendido como *unidades formais*:

1) Na cena há um *Kubernetes* (espécie de timoneiro) que está no final da embarcação, controlando dois remos que guiam o barco. Desta forma simbolizando a liderança, o conduzir do navio;

2) Os remadores são em número de quatro, dispostos em fila única, cada qual com seu remo. Ainda que não haja equilíbrio numérico entre número de remadores e remos, eles permanecem impulsionando o barco;

3) As Sereias existentes na cena são três, uma em cada rochedo e a terceira em um “mergulho” sobre a nau. Tendo no mar sua área de maior atuação como “figuras da morte marinha”, representam os perigos e dificuldades que os *nautai* encontrarão a bordo do

navio¹¹⁷. Decidimos por pô-las como personagens pois concebemos que inferem ações, constroem a representação a partir de sua atuação. Não sendo, assim, apenas um símbolo de meio marinho – ainda que também o seja entendido como tal;

4) A figura de Odisseu está situada no centro do barco, bem como da cena, amarrado ao mastro. Com o corpo rígido e ereto mantém-se a escutar as sereias cantando. Em sua proximidade há uma identificação do nome da personagem, evidenciando-nos a relevância desta na composição da cena, uma vez que é o único a ser nomeado e permanece no centro da imagem. A junção destas *unidades formais* nos remetem à outro *sintagma*, que está diretamente ligado à “Odisséia”.

Relacionando os *sintagmas* desta cena, podemos compreendê-la como uma representação de parte do Canto XII da obra “Odisséia”. Ainda que devamos destacar que a cena não é uma transformação do “texto escrito” para um “texto imagético”, pois consideramos que o oleiro “filtrou” o saber tradicional sobre o citado canto a partir de seus valores. Com isto, pôs na imagem suas próprias impressões psico-sociais da passagem entre Odisseu e as Sereias.

O posicionamento das Sereias nos expõe a característica fundamental para a compreensão da imagem, dado que duas estão a ladear o barco e uma em um “mergulho” sobre a embarcação ou mesmo sobre Odisseu. Isto mostra-nos as agruras que passava a nau, que, no entanto, pela disposição da terceira figura da Sereia, atingia mais fortemente o próprio Odisseu.

Creemos que a questão em destaque tecida pelo oleiro se constrói na figura de Odisseu, tendo todas as *unidades formais* voltadas para este. Como, por exemplo, há um remador com a face voltada para Odisseu, as sereias voltadas a olhar este mesmo personagem, a direção da mão estendida do *kubernetes*. A representatividade que

¹¹⁷ verbete “Sirènes” escrito por R. Dayreu. Sirènes. In: LACARRIÈRE, J. Dictionnaire de la Grèce Antique. Paris: Albin Michel, 2000, p. 1208.

vislumbramos é do herói, visto que está usando a *métis* para executar um feito jamais realizado por um homem, ou seja, não ter sucumbido ao canto das Sereias. Com isto, nos é plausível analisar nesta imagem a *métis* e Odisseu como plano central do oleiro.

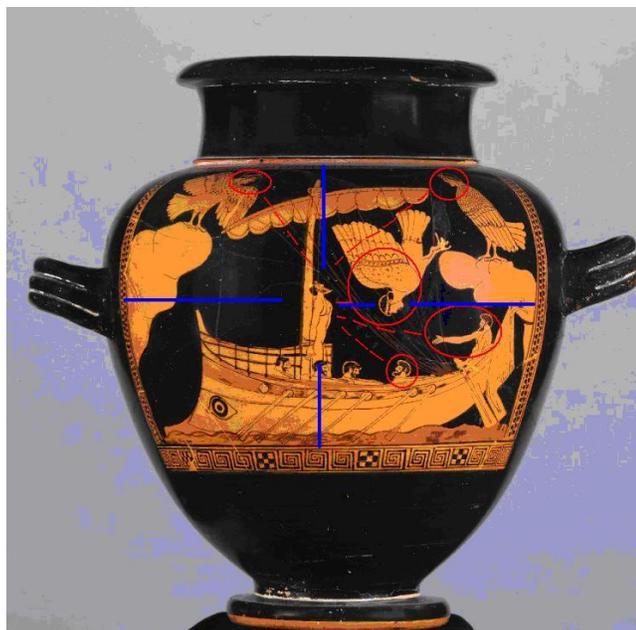


Imagem do CVA British Museum 3 III Ic Pl. 20, 1 com algumas marcações por nós realizadas¹¹⁸.

Enquanto que a documentação textual nos apresenta a questão das sereias como um ardil de Circe, em que Odisseu apenas segue suas ordens; a documentação imagética nos expõe a cena de Odisseu e seus companheiros, afastando-se do ardil/astúcia incitados por Circe. Formula-se, deste modo, uma inteligência ardilosa do próprio Odisseu sobre as Sereias. Assim sendo, ao contrapor tais documentações vislumbramos “proveniências” distintas da *métis*. No entanto, o que nos é relevante é a ação, a habilidade utilizada para se ultrapassar as Sereias.

¹¹⁸ As marcações realizadas em vermelho referem-se as personagens que se direcionam a Odisseu. Enquanto que a marcação na cor azul delinea a centralidade da figura de Odisseu na cena do vaso.

A *métis* é centrada na figura do “comandante da nau”, Odisseu. Cabe a este as ordens e, como visto nos versos 160- 161, somente à ele “está reservado ouvir o canto” [das sereias]. Desta forma, os companheiros da nau prefiguram uma parte que compõe o cenário voltado à Odisseu.

Concluímos, assim, que nesta passagem da obra de Homero a *métis* centra-se em apenas uma figura, no qual à esta é concedida as “aventuranças” de ouvir o canto das sereias, uma vez que este usou a *métis*. O que pretendíamos apresentar neste artigo era vislumbrar, através da documentação imagética, a ação da *métis* de Odisseu em contraposição às sereias. Ou seja, a *métis* ligada à navegação.

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

HOMERO. **Odisséia**. [TRAD.] Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2008, v.2.

DOCUMENTAÇÃO IMAGÉTICA

Old Catalogue 785

Vase E440

CVA British Museum 3 III Ic Pl. 20, 1

http://www.britishmuseum.org/research/search_the_collection_database/search_object_image.aspx?objectId=399666&partId=1&searchText=odysseus&fromDate=500&fromADBC=bc&toDate=400&toADBC=bc&titleSubject=on&orig=%2fresearch%2fsearch_the_collection_database.aspx&images=on&numPages=10¤tPage=2&asset_id=7497

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BÉRARD, C. Iconographie-Iconologie-Iconologique. **Études de Lettres**. Fasc. 4, 1983.

BURKERT, Walter. Os deuses configurados. *IN*: Religião Grega na Época Clássica e Arcaica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

DÉTIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. **Métis: as astúcias da inteligência**. São Paulo: Odisseus, 2008.

JODELET, Denise. “Representações sociais: um domínio em expansão” *IN: As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MOSSÉ, Claude. **Dicionário da Civilização Grega**. [Trad.] Carlos Ramallete. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. “As Guerras médicas e os primórdios da hegemonia de Atenas” *IN Péricles – o Inventor da Democracia*. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

verbete "Sirènes" escrito por R. Dayreu - DAYREU, R. Sirènes. In: LACARRIÈRE, J. Dictionnaire de la Grèce Antique. Paris: Albin Michel, 2000.

VERNANT, Jean- Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. São Paulo: martins fontes, 2006.

VIEIRA, Ana Livia Bomfim. Entre a ‘métis’ da pesca e a honra da caça. *IN: PHOÏNIX – Laboratório de História Antiga / UFRJ*. Ano XIV. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.